



SUBMISSÃO E OUSADIA: UMA VISÃO DA “HISTÓRIA DE O”, DE PAULINE RÉAGE

Paloma do Nascimento Oliveira

Universidade Federal da Paraíba – palomaoliveira03@gmail.com

RESUMO: Tapas, chicotadas, tortura sexual, humilhação e submissão, este é o conjunto de elementos que compõem *História de O*, de Pauline Réage. Escrito na década de 50 este romance chocou a sociedade e marcou uma época de introdução da literatura erótica no cenário europeu. Algumas décadas e várias edições depois a obra encontra-se esgotada e atrai bastante do leitor comum. Mas então o que faria dessa obra objeto de tanto interesse? O sexo! O tabu que trazemos em nossas bagagens ainda, no século XXI, é motivo de polêmica e audiência entre os leitores. Partindo disto, faremos no presente trabalho e estudo da obra enfocando a discussão conceitual entre o erotismo e a pornografia, assim como destacaremos as relações de poder estabelecidas pelos personagens, sobretudo, no que diz respeito ao teor sexual.

Palavras-chave: Erotismo, Mulher, Poder.

INTRODUÇÃO

Apesar de publicada na década de 50, do século passado, a obra *História de O* – de autoria da francesa Anne Desclos, sob pseudônimo de Pauline Réage – ainda causa espanto pela linguagem e ousadia com que trouxe o sexo para a literatura. Diante desse espanto, acreditamos que a literatura erótica ainda se esconda nas prateleiras das livrarias e nos fundos das bibliotecas.

Por isso, é de fundamental relevância estudar o texto que provoca, que assusta e choca social e culturalmente o outro e é importante pensar nos (des)limites da literatura. Até que ponto o poder pode ser definido como parâmetro para definir as

relações sociais? Em que momento me vejo no campo erótico e no pornográfico? Como entender se a obra em estudo sem enquadrar entre dois termos?

Essas perguntas serão pensadas, o que não significa que traremos soluções sistemáticas e definidas. Pretendemos sim suscitar (quem sabe) mais questionamentos que engendrem mais pesquisa sobre o assunto. Porque, afinal, o pesquisador tem sempre essa sede de continuidade do tema. O erótico e o pornográfico não se findarão aqui. Não temos essa ousadia.

Assim, o presente artigo tem o objetivo de discutir a obra analisando como *O*, personagem central do romance, se subjeta aos atos sadomasoquistas numa estranha



relação de poder entre ela e seus mestres, como também observando até que ponto podemos pensá-la enquanto literatura erótica e/ou pornográfica.

Para tanto, percorreremos um caminho de auxílio a teóricos como Rodrigues (2015), Beauvoir (2009), Foucault (1988), entre outros.

O PODER DO SEXO E O SEXO NO PODER

Antes de adentrarmos nas relações propriamente ditas entre *O* e seus mestres, é interessante pensar nos limites do lícito e do ilícito dentro do sexo e como o poder, de acordo com o gênero, vai ganhar nuances distintas.

O lícito e o ilícito variarão de acordo com o contexto social e cultural em que os indivíduos estiverem inseridos. De acordo com Bozon (2004), essa diferenciação irá ter um tom mais forte quando se trata de homens e mulheres. Na Antiguidade grega e romana, por exemplo, os limites da licitude para as mulheres se restringiam à reprodução dentro do casamento. Já os homens livres e adultos tinham permissão para todos os tipos de prazeres, desde que isso não ameaçasse sua posição social.

Diante disto, o autor supracitado diz que “a institucionalização do Cristianismo no Ocidente e a ética sexual restritiva que o

acompanhava não corresponderam a uma ruptura total com a Antiguidade tardia” (op. cit., p.26). De fato a moral sexual era a grande bandeira para definir aquilo que era ilícito, além disso, a Igreja surgia muito fortemente enquanto instrumento de controle e palavras como ‘sagrado’ e ‘profano’ começaram a ser usadas como parâmetro para decidir aquilo que era ou não permitido sexualmente.

O casamento religioso é a pedra de toque que regula e sempre regulou as permissividades sexuais. Homem e mulher podem ter prazer, desde que este esteja ligado à reprodução. Romper as leis que se ligam ao casamento ou “procurar prazeres estranhos” deveria ser motivo de condenação. “Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a “carícia” recíproca” (FOUCAULT, 1988, p. 39).

O sexo fora do matrimônio ainda é condenado pela Instituição Católica, tanto do ponto de vista de quando ele ocorre antes de se receber o sacramento, quanto em situação de adultério. Neste último caso, sabe-se que mesmo homens e mulheres sendo colocados em pé de igualdade, “na prática, e em todas as legislações influenciadas pelo cristianismo (por exemplo, na América Latina), o adultério sempre foi visto com um olhar muito mais



severo quando dizia respeito às mulheres” (BOZON, 2004, p.27). Passamos a pensar, portanto, numa ilicitude tão ligada ao gênero quanto à questão cultural e, neste caso, ao gênero feminino.

Segundo Beauvoir (2009, p. 139), a ideologia cristã contribuiu muito para a opressão da mulher, sobretudo do ponto de vista sexual: “se o casamento é encarado como uma instituição que exige fidelidade recíproca, parece evidente que a esposa deve ser totalmente subordinada ao esposo”. Essa subordinação de que Beauvoir fala tange aos quesitos morais, políticos e sexuais. Até bem pouco tempo o estupro dentro do casamento, por exemplo, não era considerado como tal, mas apenas como parte da obrigação da mulher do lar que não teria motivos para se esquivar.

E, se ao ser casada, a mulher passava por situações difíceis, imaginemos o lugar da amante e prostituta na sociedade da década 50 do século XX. A personagem que colocamos em evidência fora prostituída pelo amante e, além de aceitar a condição, gosta. Talvez esse sentimento corrobore as palavras de Beauvoir (op. cit.) quando esta diz que “por esse caminho, a mulher consegue conquistar certa independência. Entregando-se a vários homens não pertence definitivamente a nenhum” (p. 748).

Na obra que nos propomos analisar esta mulher, *O*, se subjugava inicialmente às vontades de seu parceiro, *René*, e é levada para Roissy, um local de orgias em que as mulheres são escravizadas e tratadas como objetos sexuais a serviço de todos os homens presentes.

O vai para este lugar sem consciência de para onde estava sendo levada. Seu amante pede que ela entre em um carro e lá mesmo começa a lhe dar ordens para que tire partes específicas da roupa, como a calcinha, e corta com um canivete as alças do sutiã. Ao deixá-la na porta do castelo avisa: “Vai seguir quem vier abrir, vai fazer o que te mandarem” (RÉAGE, 1995, p. 33). A partir deste momento *O* se vê com duas mulheres que não lhe dirigem a palavra, mas lhe deixam nua, com as mãos amarradas e à disposição dos homens de Roissy.

Para o leitor, as descrições que se seguem no enredo podem causar estranhamento. Primeiro porque os atos aos quais se submete *O* são violentos e a colocam em posição de objeto; e segundo, e talvez mais assustador, porque em algum momento ela passa a gostar do sofrimento e sente, ao lado da dor, o prazer indescritível.

O não compreendia os motivos de estar ali. No livro não há indícios de que, antes de ser levada a Roissy, ela tenha vivido com *René* momentos de sadomasoquismo.



Entretanto, ela não demora a entender como tudo funcionava: “A julgar pelo modo segundo o qual o amante a tinha entregado, *O* já podia imaginar que apelar para sua piedade só faria com que a crueldade fosse redobrada, tanto ele gostava de arrancar dela, ou fazer com que os outros o fizessem, indubitáveis testemunhos do seu poder” (op. cit., p.42).

O poder é um elemento recorrente no romance. Através dele, *O* consente ser propriedade de seu amante *René*, assim como do seu segundo mestre *Sir. Stephen*, e de qualquer homem ou mulher a quem que ambos desejassem sua entrega. Apesar de receber golpes e ordens, a violência se torna um agrado, sobretudo na mente de *O*, portanto, ela neste caso, funciona como um elemento do poder exercido pelos homens nesta obra.

A respeito deste poder, Foucault (1995) lembra que a violência não se enquadra enquanto elemento dele quando ela fecha todas as possibilidades, quando destrói e quebra. Inicialmente, podemos pensar que partindo desse pressuposto, na *História de O* não há relação de poder, mas de mera violência. Entretanto, elementos do enredo nos direcionam para o entendimento de que ela, apesar de parecer sujeito passivo, é um sujeito de ação, pois deseja aquela situação e se desloca de escrava a dominadora dos seus desejos:

Era surpreendente que ganhasse dignidade em prostituir, e, no entanto, era de dignidade que se tratava. Era como se tivesse sido iluminada por dentro, e nas suas atitudes via-se a calma, no seu rosto, a serenidade e o imperceptível sorriso interior que se adivinha nos olhos das reclusas (RÉAGE, 2005, p. 75).

A personagem é livre para escolher se quer ou não vivenciar as situações às quais *René* e *Sir Stephen* lhe subjagam. Em vários momentos o leitor pode se deparar com *Sir Stephen* reforçando que ela é livre para ir embora e fazer suas próprias escolhas, mas *O* sempre confirma sua imensa vontade de permanecer sob o poder deste. Liberdade e poder estão lado a lado na relação dos dois. Foucault (op. cit.) explica que não há confronto, nem oposição, entre poder e liberdade. A liberdade não desaparece onde o poder é exercido, mas surgirá como uma condição de existência deste.

Nos momentos de prazer que a protagonista sofre agressões ela se deleita e o narrador enfatiza o prazer em poder sentir a liberdade:

Será que algum dia ela teria coragem de dizer a ele que nenhum prazer, nenhuma alegria, nenhuma imaginação, aproximava-se dessa felicidade proporcionada pela liberdade com a qual ele a usava, vinda do fato de que ele sabia que com ela não havia nenhuma precaução a tomar, nenhum limite à



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

maneira pela qual ele podia buscar o prazer no corpo dela? (RÉAGE, 2005, p. 227).

Ainda segundo Foucault, em *História da sexualidade I*, “nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizado no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias” (1988, p. 98). É com essa possibilidade de manobras que os mestres de *O* trabalham para exercer seu poder sobre ela. As mais diversas fantasias sádicas são efetuadas sobre a escrava sexual: ela é amarrada à cama pelos braços com ferros e uma coleira; constantemente é colocada de pé contra a parede, também amarrada por correntes, recebendo chicotadas até perder as forças; vários homens fazem sexo com ela ao mesmo tempo, estando *O* de olhos vendados para que não saiba quem a usa; seu ânus é alargado com vários tamanhos de consolo, obrigando-a a permanecer oito horas por dia com o instrumento lá inserido.

O livro descreve, com detalhes os objetos novos que eram apresentados ao corpo de *O*:

Na alcova, elas juntaram e fixaram as duas argolas nos braceletes, nas costas, colocaram-lhe sobre os ombros, presa na coleira, uma longa capa vermelha que a cobria inteiramente, mas que se abria quando ela andava pois não podia

segurá-la, já que as mãos estavam presas nas costas (RÉAGE, Op. cit., p.37).

A personagem fica entregue às pessoas do castelo de Roissy. O poder que todo o ambiente exercia sobre ela era fatal. Ela não pensava em voltar para seu apartamento e para sua rotina. De alguma forma ela queria mais espancamento, mais chicotadas, mais homens a possuindo e a desejando. Havia uma vontade maior de se submeter às ordens da casa e as palavras de quando entrou lá ficaram em sua mente:

Você está aqui a serviço de seus mestres. (...) ao menor sinal ou palavra você largará p que estiver fazendo para prestar seu único e verdadeiro serviço, que é se entregar. Suas mãos não lhe pertencerão, nem os seios e, principalmente, nenhum orifício de seu corpo, que podemos explorar e penetrar como quisermos (RÉAGE, Op. cit., p. 44).

Ao saber que não mais se pertencia, segundo as ordens da casa, ela tomava consciência de suas formas e do seu corpo, como enfatiza o narrador ao falar do “espetáculo e a consciência de seu próprio corpo” (Op. cit., p.74). Ao passo que *O* ‘experenciava’ novas sensações, ela era feliz, sentia-se em busca de uma completude inimaginável e suas reações são motivo de surpresa para o leitor.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Semanas entregue aos desejos de quem bem quisesse, *O* é ‘liberada’ do castelo de Roissy. *René* a busca e ambos voltam para o apartamento que passa a ser o lar dos dois. Com um anel dado pelo mestre maior, em Roissy, ela seria reconhecida por um membro do castelo em qualquer lugar do mundo e não poderia se negar aos desejos de quem quer que a identificasse. Assim, dotada do objeto anelar, a protagonista volta ao trabalho, o ateliê de moda onde tira fotos de modelos.

Ao voltar ao trabalho as colegas de *O* notaram uma substancial diferença, sobretudo, em sua postura e seu modo de agir. Comentavam entre si, mas não sabia identificar o que exatamente a diferenciava das outras. *O* era agora uma mulher que além de trabalhar fazia questão de demonstrar, com o seus seios sem as amarras do sutiã e seu sexo sem a prisão da calcinha, sua satisfação sexual. Assim,

Uma mulher que despense suas energias, que tem responsabilidades, que conhece a dureza da luta contra as resistências do mundo, tem necessidade – como o homem – não somente de satisfazer seus desejos físicos como ainda de conhecer o relaxamento, a diversão, que oferecem aventuras sexuais felizes (BEAVOIR, 2009, p. 886).

O estava mais do que satisfeita com sua condição, estava gozando a felicidade daquelas que podem ser livres em todos os aspectos. Neste momento da obra, entram em

cena dois personagens centrais: *Sir Stephen* (que se torna seu mestre e a leva à casa de *Anne-Marie*, uma mestra da mesma ordem) e *Jacqueline* (uma modelo que se envolve com *O*, *René* e *Sir Stephen* no mundo sadomasoquista). Esses personagens exercem formas de poder distintas sobre *O*. *Sir Stephen* é o mestre que apresenta formas mais vis de machucá-la e a faz sentir mais realizada que *René*: “A palavra ‘abra’ e a expressão ‘abra as pernas’ se enchiam, na boca do amante, de tamanha gravidade e poder que ela sempre as ouvia com uma espécie de prostração interior, de submissão sagrada, como se um deus, e não ele, estivesse falando” (RÉAGE, 2005, p. 89). Já *Jacqueline* a seduziu e se tornou, na visão de *O* um objeto de satisfação, a ponto de esta a querer na mesma situação subjugada: “Bastou que *Jacqueline* se instalasse na casa de *O* (...) para que ela, contra todas as suas expectativas, fosse violentamente tomada pelo forte desejo de possuir *Jacqueline* a qualquer preço, mesmo que tivesse que entregá-la” (p. 171).

Durante a estada de *Jacqueline* em seu apartamento, *O* foi levada à casa de *Anne-Marie* e lá passou pela última etapa que lhe marcaria como propriedade de *Sir Stephen*: “*O*, você consente em usar argolas e a marca que *Sir Stephen* deseja que sejam colocadas em você, sem saber como isso será feito?” “Sim”, respondeu ela” (p. 187).



Após sessões mais dolorosas de chicotadas que em Roissy – afinal *O* “nunca duvidara que uma mulher fosse tão cruel e mais implacável que um homem” (Op. cit., p. 192) – a protagonista recebe o símbolo final de sua escravidão consentida: argolas nos lábios e marcas de ferros, ambas, com as iniciais de *Sir Stephen*. A dor era apenas um acessório diante da satisfação.

O romance tem seu fim após uma mostra pública de *O* enquanto escrava. *Sir Stephen* a leva a uma festa para que conheça o Mestre Supremo e, sob uma máscara de coruja, *O* é possuída por todos que a querem.

PORNÔERÓTICO?

O de obsceno, orgia, orgasmo? O de opressão, omissão? Jean Paulhan (2005) escreve no prefácio do livro que se existe uma palavra que logo lhe vem à cabeça quando pensa em *O*, seria decência. Ele assume a dificuldade em justificar sua escolha diante daquilo que o senso comum coloca enquanto erótico/pornográfico.

Sontag (1987) enfatiza que a discursão sobre pornografia deve antes ser pensada em mais de um tipo, ou seja, deve-se pensar que há a pornografia na história social, enquanto fenômeno psicológico e no interior das artes. Ao levar em conta esta última acepção, pensamos especificamente na literatura e nas

suas obras que chamaremos aqui de *pornôeróticas*.

Não usaremos somente ‘erótica’ por acreditarmos que apenas com essa nomenclatura estaremos agindo com reducionismo elitista de que a literatura ‘boa’ é a ‘erótica’; da mesma forma não nos ateremos apenas à pornográfica, visto que, infelizmente, “tanto libertários como os presumidos censores concordam em reduzir a pornografia a um sintoma patológico e uma mercadoria social problemática” (SONTAG, Op. cit., p. 46). Assim, aliar os dois parece ser a forma mais sensata de enxergar na literatura as vontades e desejos sexuais, livres de preconceitos e reducionismos descabidos.

Essa literatura é, segundo Alexandrian (1993), perfeitamente legítima porque seu objetivo é afirmar os direitos da carne, tão dignos quanto qualquer direito. Segundo o autor, “a pornografia é a descrição pura e simples dos prazeres carnis; o erotismo é a mesma descrição revalorizada em função de uma ideia do amor ou da vida social. Tudo o que é erótico é necessariamente pornográfico com alguma coisa a mais” (p. 08). O autor adianta que se há uma distinção do ponto de vista moral a ser feita, esta deve ser entre erótico e obsceno (entendendo-se aqui obsceno como aquilo que rebaixa a carne).

Ainda sobre o assunto, Rodrigues (2015) explica que o erótico é apenas uma das



faces da pornografia e questiona essa dicotomia preconceituosa do tema: “Situar o erótico no espaço do sublime, do belo, da saúde e, em contrapartida, impor ao pornográfico as insígnias do grotesco, da feiura e da patologia, diz, na verdade, de uma incapacidade ética e estética de lidar com o próprio desejo” (p. 14).

A *História de O* está longe de ser grotesca, mas ao mesmo tempo alguns a relegam à pornografia por tratar de um tema polêmico como o sadomasoquismo: “colocaram-na então novamente de joelhos, mas desta vez com o busto sobre um pufe, sempre com as mãos para trás, e as ancas mais altas do que o tronco, e um dos homens, segurando-a pelos quadris com as duas mãos, penetrou-a” (p. 38).

Sobre a obra, Sontag (1987, p.49) diz que “ainda que o romance seja nitidamente obsceno pelos padrões usuais (...) a excitação não parece ser a única função das situações retratadas”. De fato há uma qualidade que questiona a posição em que se é colocada a pornografia no âmbito da literatura. A autora adiciona: “as personagens possuem de fato emoções intensas, embora obsessivas e, na verdade, bastante associadas”.

Cada detalhe em *O* é minimamente chocante e vê-se claramente que a função da obra não é apenas excitar, mas outras tantas, como fazer pensar e refletir sobre a

significação do corpo para os dois polos ‘dominada’ e ‘dominador’: “você não fechará nunca completamente os lábios, nem cruzará as pernas, nem fechará os joelhos (...) o que representará para você e para nós que sua boca, seu sexo e suas ancas estão à nossa disposição” (p. 44). A imagem dos lábios semicerrados acompanha *O* até o fim do livro. Em vários momentos o narrador lembra que a personagem mantém seus lábios entreabertos como sinal de oferta ao outro. Em determinada passagem o narrador explica que se o sexo deles fica descoberto é para que ela aprenda que “ele é seu mestre e é para ele que e seus lábios estão destinados antes de tudo” (p.45). A protagonista tem consciência do papel que sua boca desempenha na relação, ela é a abertura, o sim, a passagem e um dos instrumentos para o prazer dela e do outro. A boca não é apenas uma boca, mas um canal vital para a realização do orgasmo.

Cada um dos elementos trazidos na obra aponta para sua qualidade. Segundo Sontag (op. cit, p. 61), “embora sejam graficamente escritas situações sexuais que abrangem todas as variações previsíveis de luxúria, o estilo narrativo é bastante formal, o nível de linguagem digno e quase casto”. A exemplo disto, temos uma descrição que prova a formalidade e cuidado com a linguagem: “deixariam que respirasse, mas quando tivesse recuperado o fôlego,



começariam outra vez, dependendo do resultado, não dos gritos ou das lágrimas, mas das marcas mais ou menos vivas ou duráveis que os chicotes deixariam na sua pele” (p. 41). A imagem das marcas produzidas pelos chicotes e a menção aos gritos e lágrimas singularizam a obra e elevam a linguagem.

A qualidade da obra, hoje é inquestionável, mas até que chegássemos a essa conclusão foi preciso muita discussão a cerca deste tabu que é o sexo na literatura. Em outros escritos quem sabe construiremos novas significações para *O* e seus companheiros sexuais.

CONCLUSÃO

É bastante difícil pensar num livro erótico sem se perguntar até que ponto não é pornografia. Durante a pesquisa percebemos que não há uma linha visível que separe as duas e que tentar diferenciá-las sistematicamente é cair num buraco sem fundo. Enquanto pesquisadora, percebi que estudar o erotismo e a pornografia não se limita à epistemologia, mas abre um vasto campo de discussão para a compreensão de dois temas polêmicos e sempre atuais.

Ler *História de O* abriu caminhos de reflexão, antes inimagináveis. Observar a postura de uma mulher determinada a aceitar a submissão do homem, levando-se em conta

que sua intenção maior era o seu prazer (mesmo que em muitos momentos dissesse ao seu mestre ser sua escrava) é entender a *decência* de que Paulhan (2005) fala no prefácio do livro.

Admito que talvez o mais difícil, na leitura e análise do livro, foi se desprender das amarras da classificação do que é ou não é. A incessante busca da definição do que é erótico ou pornográfico foi um empecilho para a construção do artigo inicialmente. Foi preciso entender em algum momento que rotular não iria me dar as respostas que procurava.

Creio, portanto, que a grande contribuição desta leitura foi poder aliar os estudos de gênero aos estudos de erotismo e pornografia, sem cair na repetição de pensar que a submissão da mulher é sempre algo ruim, como encontramos em muitos textos feministas, quando *O* nos mostrou que submissão pode ter as mais diferentes faces para o prazer pessoal.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRIAN. Prefácio. In: *História da literatura erótica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FOUCAULT, Michael. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H; RABINOW, P. *Michael Foucault: uma trajetória para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. – 13 ed – Rio de Janeiro: Graal, 1988.

PAULHAN, Jean. A felicidade na escravidão. In: RÉAGE, Pauline de. *História de O*.

Tradução de Hortencia Santos Lencastre. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 9 – 25.

RÉAGE, Pauline de. *História de O*. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

RODRIGUES, Hermano de França. *Com tabu é mais gostoso*. Revista Psicoterapia, vol. 06, 2015.

SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. In: *A vontade radical – estilos*. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 44 – 83.